



O lixo se acumula em todos os lugares sem que sejam tomadas maiores precauções

# JARDIM DA PENHA

## O bairro cresce e os problemas aumentam

AJ19397

A medida que Jardim da Penha cresce, os problemas estruturais vão surgindo. As ruas estão sujas e ninguém toma providências para que o lixo que se acumula em terrenos baldios e espalha o mau cheiro tenha fim. Orelhões existem apenas 10 para atender a cerca de 30 mil pessoas. Isso sem falar em problemas de esgoto, lazer e transporte coletivo (apenas uma linha e um trajeto partindo do bairro), que são motivo de queixa por parte dos moradores.

Alfonso Fernandes



Nos poucos orelhões, confusão e nervosismo

**M**oça, onde é que fica a rua Francisco Eugênio Mussiello? — Olha, pra te dizer a verdade, eu não sei. Mas vai perguntando por aí que de repente você encontra.

A pergunta se repete mais uma vez. Mais outra, mais outra e outra até que, finalmente, cansado de tanto perguntar, o sujeito, maldizendo todo o projeto urbanístico do local, encontra a rua.

Essa é a realidade de Jardim da Penha, um bairro relativamente novo, onde a confusão se faz presente e, em certos aspectos, chega a fazer do bairro um caos completo. O crescimento demográfico é tão acelerado que na região, com cerca de 1.300 metros de extensão (ao longo da faixa litorânea) se encontra uma população correspondente à do município de Santa Teresa. Somente nos últimos cinco anos o número de habitantes aumentou de 4.840 (em outubro de 77) para quase 30 mil pessoas em 83, segundo estimativas.

“O grande problema é que, com o crescimento populacional (devido ao próprio crescimento da cidade, que vem se expandindo para a região Vitória-Norte) o bairro teve seus problemas agravados”, diz um morador. Segundo, ele, os problemas de acúmulo de lixo nas ruas, insetos e a própria falta de saneamento básico se fazem sentir em maior dimensão hoje em dia.

Mas o que vem ocorrendo? Quais os fatores que contribuíram para essa “de-

Há uma centralização comercial no bairro que obedece também à legislação, dando preferência a lojas em praças e esquinas. No entanto, os centros comerciais deveriam obedecer a uma distância de 500 metros de raio para o outro, fato que não ocorre.

— Creio que essa centralização seja benéfica para os moradores que direcionam todas as atividades numa área determinada, afirma o urbanista.

Hoje, Jardim da Penha desenvolve ampla atividade comercial num espaço mínimo, o que acarreta um grande fluxo de demanda. A concentração se dá principalmente na praça Regina Furno, uma das rótulas do bairro onde desembocam 10 ruas.

Na opinião de José Eduardo Azevedo, morador do bairro e funcionário do setor de transportes do Instituto Jones dos Santos Neves, essa malha viária vai além das necessidades do local. “Ela acarreta grandes gastos de infra-estrutura, como sistema de drenagem, pavimentação e na própria manutenção das ruas, além de diminuir a área habitacional. O que acontece é que o grande número de ruas e avenidas vai ser sempre maior do que a estrutura do bairro. Dessa forma, mesmo com o crescimento, muitas vias ficam sem pavimentação, uma realidade que deve perdurar por muito tempo”.

Os problemas de lixo são eternos. Todo mundo reclama das condições de higiene insatisfatórias e as acusações são as mais diversas entre os moradores. Nem

Ferreira, Maruípe, Jucutuquara e Goabeiras, segundo estudos do Instituto Jones dos Santos Neves.

Apenas um mínimo de moradores constitui mão-de-obra aproveitada no bairro. A maioria dessas pessoas vêm de outros locais e muitas vezes têm que tomar duas conduções ou andar uma boa parte do percurso. E, o pior: o serviço de táxi é totalmente ineficiente, não havendo um ponto localizado, forçando o morador a se locomover até a orla marítima, a meio quilômetro de distância.

### TELEFONE

O sistema de serviço telefônico é deficiente e não se baseia na realidade local. Apenas 10 “orelhões” foram instalados para atender a uma população de 30 mil pessoas. Para piorar a situação, três deles se situam em estabelecimentos comerciais, condicionando seu serviço às horas de funcionamento comercial.

— Quando um telefone dá defeito (e isso vive ocorrendo) é o caos. As pessoas se aglomeram nos “orelhões” e se irritam. Eu acho que deveria existir um telefone por esquina, afinal, como “eles” mesmo dizem, o telefone pode salvar uma vida, diz D. Euláxia Pereira, uma moradora recente, que se diz “escandalizada” com a situação do bairro.

“Jardim da Penha melhorou bastante. Hoje temos algumas opções além da Praia de Camburi. As pracinhas, antes ainda no bairro, foram transformadas e hoje as crianças têm lazer”, diz Marco Aurélio Silva, um pai que levava seu filho a



# JARDIM DA PENHA

## O bairro cresce e os problemas aumentam

AJ19397

A medida que Jardim da Penha cresce, os problemas estruturais vão surgindo. As ruas estão sujas e ninguém toma providências para que o lixo que se acumula em terrenos baldios e espalha o mau cheiro tenha fim. Orelhões existem apenas 10 para atender a cerca de 30 mil pessoas. Isso sem falar em problemas de esgoto, lazer e transporte coletivo (apenas uma linha e um trajeto partindo do bairro), que são motivo de queixa por parte dos moradores.

de Fernando



Nos poucos orelhões, confusão e nervosismo

**M**oça, onde é que fica a rua Francisco Eugênio Mussiello? — Olha, pra te dizer a verdade, eu não sei. Mas vai perguntando por aí que de repente você encontra.

A pergunta se repete mais uma vez. Mais outra, mais outra e outra até que, finalmente, cansado de tanto perguntar, o sujeito, maldizendo todo o projeto urbanístico do local, encontra a rua.

Essa é a realidade de Jardim da Penha, um bairro relativamente novo, onde a confusão se faz presente e, em certos aspectos, chega a fazer do bairro um caos completo. O crescimento demográfico é tão acelerado que na região, com cerca de 1.300 metros de extensão (ao longo da faixa litorânea) se encontra uma população correspondente à do município de Santa Teresa. Somente nos últimos cinco anos o número de habitantes aumentou de 4.840 (em outubro de 77) para quase 30 mil pessoas em 83, segundo estimativas.

“O grande problema é que, com o crescimento populacional (devido ao próprio crescimento da cidade, que vem se expandindo para a região Vitória-Norte) o bairro teve seus problemas agravados”, diz um morador. Segundo, ele, os problemas de acúmulo de lixo nas ruas, insetos e a própria falta de saneamento básico se fazem sentir em maior dimensão hoje em dia.

Mas o que vem ocorrendo? Quais os fatores que contribuíram para essa “deformação” do aspecto urbanístico de Jardim da Penha?

Segundo o urbanista Fernando Beterello, do Instituto Jones dos Santos Neves, toda essa desorganização deveu-se a não existência de um projeto urbanístico do bairro. “O desenho de Jardim da Penha é do início dos anos 70. Na época, o processo de ocupação se deu por transbordamento, já que os preços dos terrenos na ilha de Vitória subiram assustadoramente”.

A primeira atividade do bairro foi implantada pela Cohab, responsável pelos primeiros conjuntos habitacionais, construídos exclusivamente para atender a setores determinados da classe média. Na época, havia um estudo de projeção urbanística do bairro que visava proteger a orla marítima, fazendo com que o fluxo viário de Camburi (na avenida Dante Michelini) fosse desviado para o interior do bairro, partindo da avenida Rio Branco, na Praia do Canto, e deslocando a ponte de Camburi para o centro do canal.

— Logicamente, isso foi um estudo que hoje não se aplica mais à realidade. Creio que devam ser feitos novos estudos a fim de melhorar as condições do bairro, que, embora com todos os seus problemas se desenvolveu respeitando a legislação vigente, onde os prédios obedecem ao gabarito de quatro andares, o que impediu que o crescimento fosse mais desorganizado, explica o urbanista.

Há uma centralização comercial no bairro que obedece também à legislação, dando preferência a lojas em praças e esquinas. No entanto, os centros comerciais deveriam obedecer a uma distância de 500 metros de raio para o outro, fato que não ocorre.

— Creio que essa centralização seja benéfica para os moradores que direcionam todas as atividades numa área determinada, afirma o urbanista.

Hoje, Jardim da Penha desenvolve ampla atividade comercial num espaço mínimo, o que acarreta um grande fluxo de demanda. A concentração se dá principalmente na praça Regina Furno, uma das rótulas do bairro onde desembocam 10 ruas.

Na opinião de José Eduardo Azevedo, morador do bairro e funcionário do setor de transportes do Instituto Jones dos Santos Neves, essa malha viária vai além das necessidades do local. “Ela acarreta grandes gastos de infra-estrutura, como sistema de drenagem, pavimentação e na própria manutenção das ruas, além de diminuir a área habitacional. O que acontece é que o grande número de ruas e avenidas vai ser sempre maior do que a estrutura do bairro. Dessa forma, mesmo com o crescimento, muitas vias ficam sem pavimentação, uma realidade que deve perdurar por muito tempo”.

Os problemas de lixo são eternos. Todo mundo reclama das condições de higiene insatisfatórias e as acusações são as mais diversas entre os moradores. Nem todos os prédios possuem lixeiras próprias e o lixo vai mesmo para o meio da rua.

— Quem tem lixeira joga os detritos de qualquer maneira e o mau cheiro se espalha pelas ruas, aliás, mal varridas, ou não varridas. Inclusive, a maior parte dos depósitos de lixo fica descoberto e há um grande acúmulo de moscas, diz José Eduardo.

A especulação imobiliária piorou a situação já que, com o crescimento acelerado da população, as providências não foram tomadas pela Prefeitura no sentido de promover a limpeza local. “Fica tudo sujo, o lixo vai se acumulando, assim como moscas e ratos. Está a cada dia pior”, diz uma moradora atravessando a rua para evitar passar perto dos detritos espalhados na calçada.

### RECLAMAÇÕES

Entre outras reclamações, as maiores continuam sendo sobre o sistema de transportes coletivos. Para a maioria das pessoas, a situação já foi pior porque, antes, praticamente não havia ônibus. Hoje a reclamação é outra: faltam outras linhas que dêem acesso à Beira-Mar, Maruípe e mesmo à região Norte da cidade.

Isso se justifica, já que apenas 20% da população possuem automóvel e cerca de 17% dos habitantes têm a necessidade de se locomover para as regiões de Bento

Ferreira, Maruípe, Jucutuquara e Goabeiras, segundo estudos do Instituto Jones dos Santos Neves.

Apenas um mínimo de moradores constitui mão-de-obra aproveitada no bairro. A maioria dessas pessoas vêm de outros locais e muitas vezes têm que tomar duas conduções ou andar uma boa parte do percurso. E, o pior: o serviço de táxi é totalmente ineficiente, não havendo um ponto localizado, forçando o morador a se locomover até a orla marítima, a meio quilômetro de distância.

### TELEFONE

O sistema de serviço telefônico é deficiente e não se baseia na realidade local. Apenas 10 “orelhões” foram instalados para atender a uma população de 30 mil pessoas. Para piorar a situação, três deles se situam em estabelecimentos comerciais, condicionando seu serviço às horas de funcionamento comercial.

— Quando um telefone dá defeito (e isso vive ocorrendo) é o caos. As pessoas se aglomeram nos “orelhões” e se irritam. Eu acho que deveria existir um telefone por esquina, afinal, como “eles” mesmo dizem, o telefone pode salvar uma vida, diz D. Eulália Pereira, uma moradora recente, que se diz “escandalizada” com a situação do bairro.

“Jardim da Penha melhorou bastante. Hoje temos algumas opções além da Praia de Camburi. As pracinhas, antes ainda no bairro, foram transformadas e hoje as crianças têm lazer”, diz Marco Aurélio Silva, um pai que levava seu filho a uma delas.

Mas existem os que reclamam da falta de espaço verde nas praças, em geral arquetizadas sobre concreto, “Torna-se perigoso para uma criança brincar aqui. Tudo é feito de cimento e a localização também não é a ideal, já que essas praças são localizadas nos cruzamentos, um local de muito perigo para nossos filhos”, conta Ana Lúcia Soares.

Para o pessoal das “peladas”, no entanto, as coisas são bem diferentes. Eles reclamam que, com o crescimento do bairro, os terrenos baldios foram desaparecendo e os campos improvisados, dando lugar a empreendimentos imobiliários.

— Tem muita pracinha nesse bairro, mas não há sequer um campo onde nós possamos jogar. Parece que se esqueceram de que os campos também faziam parte da vida dos moradores de Jardim da Penha, afirma Marcos Pereira, um dos “peladões” locais.

Segundo ele, a opção que resta são os campos da Praia de Camburi. “Só que nem mesmo nesses campos temos sossego. De vez em quando aparece um policial dizendo que estamos atrapalhando os banhistas em plena área de lazer. E mesmo nesse projeto urbanístico da praia esqueceram de colocar refletores no campo, assim como na Praia do Canto”.